

Seção Estudos

OS PARADOXOS DA TRADIÇÃO: ORDEM E DESORDEM NO SEIO DO CONHECIMENTO

THE PARADOXES OF TRADITION: ORDER AND DISORDER WITHIN THE KNOWLEDGE

Luciana Carlos Celestino²¹

Porf^a. Dr^a. Ana Laudelina Ferreira Gomes (Orientadora)

RESUMO

O conceito de tradição em Balandier toma formas paradoxais quando aceita em seu seio a presença tanto da ordem quanto da desordem como elementos mantenedores da tradição viva e ativa. Nesse sentido, as chamadas sociedades tradicionais para esse autor, em oposição ao conceito dos antropólogos clássicos, são como que um repositório de experiências, mitos, ritos e símbolos adquiridos e mantidos não apenas à custa de um sistema fechado e rígido, mas de uma sociedade que absorve as mudanças e as incorpora à tradição.

Palavras-chave: Tradição; Paradoxo; Sistema; Ordem; Desordem.

INTRODUÇÃO

O conceito de sociedades tradicionais esteve por muito tempo atrelado à ideia de inércia e constância, características que aparecem como positivas, traduzindo equilíbrio e segurança, mas que colocavam as sociedades tradicionais como fora do processo histórico. O antropólogo Claude Lévi-Strauss (1976), por exemplo, pode ter sido muito mal compreendido quando – na intenção de provar que a estrutura dos mitos era idêntica em qualquer lugar do planeta, confirmando assim que a estrutura mental da humanidade é a

²¹ Graduada em Comunicação social (UFRN); Mestre em Ciências Sociais (UFRN), Doutoranda em Ciências Sociais (UFRN). E-mail: luzcelest@bol.com.br

mesma, independentemente da raça, do clima ou da religião adotada ou praticada – contrapôs o mito à história e separou as sociedades humanas em “frias” e “quentes”. As primeiras seriam as sociedades tradicionais e as segundas, as modernas. Mas essa teoria referia-se ao mito e sua universalidade e não apenas à questão da historicidade da tradição.

Georges Balandier (1997) frisa o fato de que, para os antropólogos clássicos, as sociedades da tradição se caracterizariam e se manteriam pelo ritmo da estabilidade e da constância e, desse modo estariam à parte da história porque produziriam pouquíssima desordem. Desse modo, enquanto as sociedades consideradas quentes se caracterizariam pela mudança, por moverem-se dentro da história, com ênfase no progresso, estando em constante transformação tecnológica. Em seus estudos, Balandier tem demonstrado como ordem e desordem não se excluem, mas coexistem dentro das sociedades tradicionais ou modernas, ou seja, toda sociedade é quente e fria quando se trata de sua relação com a tradição. No seu texto “A desordem: elogio do movimento”, o autor traz os muitos paradoxos de que é formada a sociedade humana. E a tradição é um reflexo desses movimentos contrários e complementares.

Balandier (1997) chama a atenção para o conceito errôneo de que as sociedades tradicionais são consideradas menos problemáticas e onde a tradição consegue manter-se mais facilmente. Na esfera contrária estariam as sociedades chamadas de históricas ou modernas, onde a tradição praticamente não mais existe ou é vista como algo distante e não real, vítima das constantes mudanças e transformações que sofre ao longo de sua história. Estas aparecem aos olhos mais desatentos como sinônimos de desordem e de insegurança, onde, os valores ditos tradicionais não conseguem mais manter-se, onde enfim, impera o caos.

Cabe destacarmos primeiramente que para Balandier (*Idem*) a tradição é ao mesmo tempo mantenedora dos conhecimentos e práticas aprendidas na origem, assim como algo vivo e ativo. Ela é um repositório de conhecimentos restritos e coletivos e se alimenta tanto da constância dos ritos e mitos quanto

de sua adaptação ininterrupta às mudanças históricas e sociais. Na prática, a tradição descobre seus limites pois sua ordem é incapaz de manter tudo; nada no mundo pode ser mantido puro e imóvel para sempre, e seu dinamismo alimenta-se do movimento e da desordem que mantêm qualquer sistema vivo. Vale ressaltar que a teoria de Balandier não contradiz a de Lévi-Strauss, mas acrescenta um olhar mais dialético sobre a tradição, ao mesmo tempo em que reforça a ideia de que a estrutura dos mitos não muda, como queria Lévi-Strauss, mas se adapta às mudanças históricas e sociais.

Balandier afirma que, na concepção ocidental a tradição tanto é passiva, conservando e memorizando seus hábitos; como é ativa, submetida sempre ao erro, à novidade causada pela ruptura e pelo imprevisto. No entanto, a força para manter a passividade é de igual proporção àquela que traz o novo, rompendo as barreiras e desestabilizando a ordem existente. “Neste sentido a recusa da modernidade é primeiro a recusa do novo, do movimento e do efêmero, considerados como assassinos da tradição, dela retirando qualquer chance de renascimento” (*Idem, ibidem*, p. 93).

Para manter-se passiva, a tradição apóia-se em conceitos como a ideia clássica de uma época inicial, de uma ordem fundamental que assegurava o acordo entre os homens, os deuses e a natureza, como também no valor absoluto do discurso e do saber original presentes na fala dos sábios, dos poetas ou dos filósofos. É a memorização, assim como a transmissão, que mantém o saber e as práticas aprendidas na origem, reproduzindo-se como verdade primordial. Os símbolos e os ritos são os responsáveis por isso. Em seu aspecto ativo e vivo, a tradição consegue manter-se nutrindo-se do imprevisto, do acidente, da novidade. Em seu movimento percebe que “sua ordem não mantém tudo, nada pode ser mantido por puro imobilismo” (*Idem*, p. 94). Pelo contrário, o dinamismo da tradição faz com que ela, para sobreviver, se subordine ao movimento e à desordem, impossíveis de serem detidos.

Há, no processo de produção do conhecimento tradicional, uma sistemática que funciona não na superfície da sociedade, mas em seu estrato mais profundo. Ela governa os indivíduos e a coletividade, mas seu

conhecimento pertence a poucos. Este conhecimento é transmitido por um lento processo iniciático que ocorre no escondido da sociedade. Desse modo, a tradição é ao mesmo tempo esotérica, quando se trata do processo de transmissão do saber oculto; e exotérica, quando este conhecimento é traduzido e vulgarizado, chegando à coletividade social.

1 O SEGREDO E OS DONOS DAS CHAVES PARA O OCULTO

Está no oculto, no que não é do vulgo, no segredo guardado a sete chaves pelos sábios a capacidade que tem a tradição de proteger a arte, o saber e a habilidade. Certos procedimentos técnicos se revestem de valores que vão além da utilidade prática e econômica. São valores simbólicos, míticos, misteriosos e cheios de significados ocultos, portanto, ritualizações que fazem dos artesãos uma sociedade à parte da sociedade geral. Os responsáveis tanto pela manutenção dessas sociedades secretas como pela transmissão do conhecimento ensinado dentro delas são chamados de mestres. A tradição por sua vez vive porque recebe sua autoridade e sua infalibilidade da sua antiguidade, das suas ideias, valores e modelos que herdou e, sobretudo, pelo fato de o saber secreto se diferenciar dos saberes comuns.

Estes aspectos concedem à tradição um caráter sobre-humano, divino, onde o saber pertencente a ela foi revelado por heróis, deuses ou fundadores míticos e ela torna-se como um depósito sagrado desses saberes e seus transmissores como que porta-vozes desses poderes originais. Isto explica o caráter esotérico da tradição, pois traz em si um núcleo de verdades originais, um conhecimento “de dentro”, não acessível a todos. É a partir do esoterismo da tradição que o exoterismo, um saber menos secreto, mais comum, chega à sociedade, difundindo maneiras de compreender, fazer e dizer, como, por exemplo, os processos iniciáticos impostos, como nas sociedades em que os ritos de passagem fazem do menino um homem.

Balandier (1997, p. 95) nos lembra que nenhuma tradição sobrevive sem o esoterismo e nem este mantém-se sem seu grupo de “donos das chaves”. É

por esse motivo que o conceito de tradição desse estudioso destaca o saber oculto e original como fonte da própria tradição. “A tradição é a soma de saberes acumulados pela coletividade a partir de acontecimentos e princípios fundadores. Exprime uma visão do mundo e uma forma específica de presença no mundo”. Esses acontecimentos e princípios fundadores são os chamados Mistérios Iniciáticos que em sua quase totalidade se expressam como mitos e narrativas simbólicas e exemplares. Os ritos de passagem ou de iniciação fazem do sujeito partícipe do segredo, do mistério, permitindo-lhe um nascimento e atuação social, bem como o poder sobre si mesmo.

2 O OCULTO

Segundo Balandier (Idem, p. 96), o segredo inclui o oculto e este se apresenta como saber fundamental, como a fonte do inesperado, e como uma ação deliberadamente prejudicial a alguém. No primeiro caso, o oculto é um saber fundamental adquirido pela ascensão de degraus. O iniciado procurará o conhecimento escondido na descoberta dos arcanos, naquilo que vai além do conhecimento comum e legitimado tanto pela tradição quanto pela ciência. Este caminho é uma busca arriscada de revelações e verdades últimas. A obtenção desse conhecimento pode se dar também através de uma conexão direta com a “natureza das coisas”. Um saber não deformado pelas sucessivas intervenções humanas. No cristianismo, por exemplo, esse processo é chamado de gnose e é destinado a poucos, comunicado apenas oralmente como Jesus fez aos seus apóstolos. É um conhecimento inacessível aos imperfeitos, àqueles que são falsos, maus e causam desordem. Estes são considerados inaptos a receberem tal saber.

Porém, a gnose, como outras formas de conhecimento secreto, também foi entendida como uma ameaça à ordem oficial imposta, aparecendo para esta sociedade como algo desconhecido, estranho, marginal e, portanto, potencialmente desordenador e caótico. Em seu estudo sobre os saberes

secretos e proibidos, Roger Shattuck (2000), lembra que o conhecimento proibido sugere antes de mais nada uma zona conhecida como oculto.

A palavra *oculto* vem sendo usada há muito tempo para designar um coleção fluida de tradições e escritos que se limitam de perto com a religião, a magia e a superstição. Além de seu sentido radical de “secreto”, ou “recôndito”, *oculto* possui muitas associações poderosas. Refere-se a verdades secretas bastante antigas, não de descoberta recente (SHATTUCK, 2000, p. 327)²².

Shattuck chega à conclusão que este conhecimento tradicional, que ele chama de conhecimento oculto, é um só em todas as tradições, embora receba nomes, símbolos e práticas ligeiramente diferentes. “Se abirmos adequadamente os olhos, poderemos ver que tudo se relaciona. Este é o conhecimento oculto” (*Idem*). No entanto, como afirma Balandier (1997), esse conhecimento é restrito a poucos. Resta àqueles para quem esse saber está guardado a sete chaves apenas o temor do desconhecido. Este é o segundo aspecto do conhecimento oculto, de acordo com Balandier, que o relaciona com o mal. O não domínio, a não ordenação da sociedade sobre esta prática secreta e seus servidores geram medo, pois o oculto é de onde surge o inesperado, o imprevisível, o “acontecimento que atenta contra os seres vivos e contra o curso natural das coisas” (*Idem*, p. 97).

O terceiro aspecto, que pode tomar o oculto, é o de um trabalho, uma ação secreta com a finalidade de destruir ou prejudicar alguém. “Neste caso, o oculto depende unicamente dos homens, está entre eles e por eles manifesta o lugar do mal, da doença e da infelicidade, lugar de onde podem surgir as forças provocadoras de um retorno ao caos” (BALANDIER, 1997, p. 98). Entretanto, o mesmo responsável pelo trabalho prejudicial pode ser o agente reestruturador da ordem, agindo como adivinho de um mal.

O fato é que, na mesma medida em que a tradição é afetada em sua ordem por eventos inesperados e desestruturantes, ela os usa para um reordenamento constante, como um mecanismo de manutenção do sistema vivo. Esse é um procedimento bem comum em todos os tipos de sistemas,

²² Grifos do autor.

biológicos ou sociais, desde que se entenda a sociedade como um corpo vivo. É esse um dos pontos principais dos estudos de Edgar Morin (1990) e da sua teoria sobre os sistemas abertos e fechados, na qual afirma que o movimento ininterrupto dentro de um sistema forma uma cadeia de autossustentação: a ordem é quebrada gerando desordenamento e caos; esta desordem é superada pelo movimento de reordenação que leva a uma nova ordem; que será novamente perturbada, assim recomeçando a cadeia.

Num primeiro sentido, o desequilíbrio que alimenta permite ao sistema manter-se em aparente equilíbrio, quer dizer, em estado de estabilidade e de continuidade, e este aparente equilíbrio só pode degradar-se se for abandonado a ele próprio, quer dizer, se houver fecho do sistema. Este estado firme, constante e no entanto frágil, *steady state*, tem algo de paradoxal: as estruturas permanecem as mesmas, embora os constituintes sejam mutáveis (MORIN, 1990, p. 31)²³.

Trata-se de mais um paradoxo da tradição, a oposição entre o dentro e o fora. Não só o espaço do conhecimento intelectual e gnóstico, mas também o espaço físico. O homem apropria-se mentalmente do espaço e faz dele região conhecida, sua; ou região além, desconhecida, onde habitam seres não-humanos e, na maioria das vezes, ameaçadores. Os símbolos e o imaginário entram em ação e surgem sítios naturais e mágicos, seres fantásticos, fadas e animais falantes. “É um território quase desconhecido, onde a exploração e a proeza engendram heróis e personagens extraordinários. O campo não é menos povoado imaginariamente, na periferia das aglomerações se dá a comunicação entre os dois mundos, o de dentro e o de fora” (BALANDIER, 1997, p. 100).

Os dois universos têm, no entanto, limites incertos, separações mal definidas. Existem passagens abertas de um lado para o outro, que podem ser acessadas mediante provas. Elas existem como forma de o espaço policiado, ordenado, manter sob controle o espaço desordenado, numa recusa inabalável de excluir totalmente da organização a presença do não-ordenado. É, portanto, uma relação sempre de tensão, de manutenção de uma ordem que inclui o

²³ Grifo do autor.

caos. Os mitos contam como as transgressões a essas fronteiras podem ser punidas, bem como trazem figuras que conseguem transitar entre os dois mundos porque, para o imaginário, não pertencem a nenhum deles. É o caso do caçador, do viajante, do estrangeiro e especialmente a mulher.

Mais que o homem, ela está ligada ao mundo natural; a topologia imaginária a coloca nos confins da natureza e da cultura. Ela detém o poder da fecundidade, o que lhe permite criar, reproduzir, ser a origem de uma descendência. Poder original que não pode ser desviado, que numerosas tradições africanas manifestaram ao evocar uma época inicial durante a qual as mulheres, detentoras do poder sobre os homens, dele abusaram e dele foram subtraídas (*Idem*, p. 104).

Nestas sociedades tradicionais, é acima de tudo pela sexualidade da mulher que sua ambivalência se expressa e toda uma ordenação é imposta sobre sua vida sexual, embora aparente o contrário. Esta liberdade falsa é na verdade uma forma de controlar a liberdade total que seria geradora de desordens, como a desestruturação do parentesco, das alianças, conflitos e degradação nas relações. No entanto, este tipo de sanção sofrida pela mulher não aparece apenas nas sociedades tradicionais, mas também nas ditas modernas. Nelas permanecem os mitos, os contos de fadas, as lendas em que mulheres transgressoras são impiedosamente punidas. “A incerteza em relação ao ser da mulher se manifesta na maioria das culturas”, afirma Balandier (p. 105). A incerteza é a mãe da desordem e do caos e a mulher aparece como sua mais fiel representação, porém, é preciso lembrar que sem a desordem não há sobrevivência da tradição.

3 O USO DO OCULTO E A FORÇA DA DESORDEM

Se há uma designação apropriada para a desordem escondida em toda sociedade tradicional, ela responde pelo nome de feitiçaria. Ela manifesta a desordem pelos efeitos que produz, amolda-se, configurando-se no seio da cultura nas quais age. Nas sociedades estudadas por Balandier, a prática da feitiçaria está ligada fortemente à noção de mal, de malefício, de nefasto. E o

feiticeiro é um ser ao mesmo tempo de dentro da sociedade e de fora dela. “O feiticeiro aparece sob a forma de um inimigo disfarçado, próximo e portanto dificilmente identificável” (BALANDIER, 1997, p. 113).

Mas a feitiçaria, ofício dos transgressores, nasce do excesso, da não-conformidade, do conflito, da recusa em aceitar as restrições próprias ao lugar que cada um ocupa na sociedade. Ela se liga ao oculto, ao segredo, não apenas pela figura obscura do próprio feiticeiro, que realiza seu trabalho destruidor na sombra, mas também porque ela é um indicativo do que não pode ser controlado pelos poderes sociais impostos. Nas sociedades modernas, a figura do feiticeiro pode ser substituída por fatos nefastos, crises destruidoras que adquirem caráter sobrenatural.

Na verdade, a recusa das sociedades tradicionais da presença constante da desordem leva à busca eterna de bodes expiatórios, de culpados para o mal, para a desordem do mundo, para o caos. É preciso localizar os culpados e destruí-los para que o mal desapareça com eles e que a reparação com Deus se dê através desses sacrifícios e purificações coletivas. A sociedade vê-se, através do trabalho do feiticeiro, diante da impossibilidade da permanência de um estado passivo. A entropia se impõe como uma lei natural sobre uma sociedade que insiste em permanecer fechada e estável, ao contrário de se posicionar como aberta ao movimento, ao inesperado, verdadeiramente apta a responder ao desafio da desordem e ao saber que dela advém.

REFERÊNCIAS

BALANDIER, Georges. **A desordem: elogio do movimento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 2. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

SHATTUCK, R. **O conhecimento proibido: de Prometeu à pornografia**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.